

Proibido incluir

A falta de educação e de sensibilidade está comprometendo o direito de ir e vir das pessoas portadoras de deficiência física no campus da UFSC. As vagas nos estacionamentos existem, mas são "regularmente" desrespeitadas p. 5

Foto: Isis Dassow



Impresso

99129-5/2002-DR/SC
UFSC

CORREIOS



Jornal Universitário

Universidade Federal de Santa Catarina - Dezembro de 2008 - Nº 391

Agricultura urbana e saudável

Encontro Brasileiro de Hidroponia, realizado em Florianópolis, auxilia no desenvolvimento do setor. A técnica possibilita fornecer à planta todos os elementos necessários para que ela se desenvolva num ciclo curto, limpo e rentável

p. 6 e 7

Foto: Jones Bastos



Dentre as vantagens da agricultura hidropônica estão a economia de água, a resistência às intempéries e o alto valor nutricional dos alimentos

Aniversário

Há quase meio século servindo à sociedade p. 2, 11 e 12

Há esperança?

Arvoredo pode estar ao relento p. 8

2 + 2

Engenharia de Mobilidade será implantada na UFSC de Joinville p. 5

Arte & mar

Plásticos: homenagem necessária p. 10

Saúde com tecnologia

Engenharia Biomédica investe na formação p. 9

Do Editor

Mais perto do povo e do mundo

"A criação da UFSC foi um marco histórico do ensino superior em nosso Estado" (João David Ferreira Lima, no livro UFSC: Sonho e Realidade, reeditado pela EdUFSC)

Coerente, integrada e fazendo parte da vida dos catarinenses e dos brasileiros há 48 anos, a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) atravessou as pontes, deixou de ser uma Ilha, consolidou-se no município, no Estado, na região, virou referência no País e no exterior, destacando-se como a terceira universidade brasileira que mais produz ciência, tecnologia e inovação, assumindo, nesse quesito, o 5º lugar na América Latina, em meio a rankings fajutos produzidos por Brasília e comemorados com champanhe por reitores afoitos.

Com 70 cursos de graduação em todas as áreas do saber, essa Universidade, baseada e plenamente inserida na história e no cotidiano da sua gente, está cada vez mais perto do mundo e da população do interior, disseminando, socializando e popularizando o conhecimento financiado pela comunidade. O sonho da interiorização ganhou concretude com a implantação de pólos de Educação a Distância por todo o Estado e dos Campi da UFSC de Curitibaanos, Araranguá e Joinville, que oferecem cursos afeitos à vocação e à necessidade do povo de cada região.

É a universidade pública, gratuita e de qualidade produzindo ensino, extensão, cultura e pesquisa, integrando-se à comunidade, reforçando políticas públicas e ações afirmativas. É a UFSC pavimentando efetivamente pontes permanentes com as populações locais, assumindo metas e desafios para tornar realidade a Universidade do Século XXI, que, afinal de contas, não deixa de ser a reafirmação da Universidade que está aí, bancada por nós todos e idealizada e imaginada por João David Ferreira Lima, criador e primeiro reitor, nomeado por Juscelino, JK!



Expediente

Elaborado pela Agecom - Agência de Comunicação da UFSC
Campus Universitário - Trindade - Caixa Postal 476
CEP 88040-970, Florianópolis - SC
www.agecom.ufsc.br, agecom@edugraf.ufsc.br
Fones: (48) 3721-9233 e 3721-9323.
Fax: 3721-9684

Diretor e Editor Responsável:
Moacir Loth - SC 00397 JP

Coord. de Divulgação e Marketing/ Redação:

Artemio R. de Souza (Jornalista)
Alita Diana (Jornalista)
Arley Reis (Jornalista)
Cecília Carbone Cussiolli (Bolsista)
Celita Campos (Jornalista)
Gabriela Santos Bazzo (Bolsista)
Isis Martins Dassow (Bolsista)
José A. de Souza (Jornalista)
Leticia Arcoverde (Bolsista)
Luiza Fregapani Silva (Bolsista)
Mara Paiva (Jornalista)
Margareth Rossi (Jornalista)
Paulo Clóvis Schmitz (Jornalista)
Paulo Fernando Liedtke
Tiffany Ródio (Bolsista)

Fotografia:

Jones J. Bastos
Paulo Noronha

Arquivo Fotográfico

Ledair Petry

Tania Regina de Souza

Editoração e Projeto Gráfico:

Jorge Luiz Wagner Behr

Cláudia Schaun Reis (Jornalista)

Divisão de Gestão e Expediente:

João Pedro Tavares Filho (Coord.)

Beatriz S. Prado (Expediente)

Rogéria D'El Rei S. S. Martins

Romilda de Assis (Apoio)

Impressão: Jofafe Comunicação e Marketing Ltda



Caiu na cesta

A comunicação cuida da saúde da instituição

Moacir Loth

Arca. Cercada de lagoas e lagos, a EdUFSC ficou semanas literalmente boiando.

Obra oportuna. o poeta Mário Feijó acaba de lançar *Filhos da enxurrada* na BU.

Estado de sítio. Com o dilúvio, a Imprensa Universitária andou praticamente incomunicável. A lama e as crateras decretaram calamidade pública na zona rural do campus. Para completar o estado de sítio, a balbúrdia tomou o trânsito e os estacionamentos. Dizem que já tem buraco sentado na sala de visitas da Dudi esperando a vez para deitar no leito dos acessos!



Kit de sobrevivência para o campus

Calouros e veteranos contra as cheias. Um trote à altura da UFSC seria botar todo mundo na reconstrução do Estado.

Barbeiragem lacustre. Esvaziamento e salvamento dos peixes do lago do Convivência não foram concatenados. O boitatá do Cascaes odiou os desencontros da operação e o artista ficou sentido...

Maldade. Diante do tamanho das indenizações produzidas pela ditadura militar, o deboche de Millôr Fernandes foi inevitável: "não fizeram guerra, mas um bom investimento!". O montante já abocanhado, segundo Jarbas Passarinho, ultrapassa os R\$ 2 bilhões. A piada é de mau gosto, porque não há dinheiro que absolve a tortura ou pague o desaparecimento do militante político.

É ele! Dilema ou Ideli na Educação? Em 2008 o Ministro Fernando Haddad já realizou 18 viagens a tiracolo com Lula. Em 2009 essas aparições devem ser multiplicadas por cinco, por conta de obras e inaugurações. Seria o professor da USP carta na manga? Haddad, que deu uma bela guinada na educação, também é um campeão na mídia, sinônimo do espaço e da legitimidade conquistados pela área junto à população.

Ética e espanto. O saudoso senador Jeferson Peres, que foi um poço de honestidade, não ficou surpreso com a indicação de um nome suspeito para a Comissão de Ética do Senado. "O que me espanta é o Senado precisar de uma Comissão de Ética", ironizou. Será que o "espanto" se aplica à Universidade?

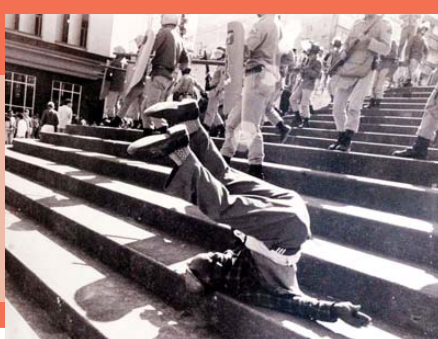


Foto: Jones Bastos

Aposentados na água. A sede da Associação dos Aposentados e Pensionistas da UFSC (Apopen), que fica no prédio do Centro de Convivência, alaga a cada chuva, comprometendo móveis, equipamentos e documentos. A categoria está revoltada, já que, em meio a promessas, o drama vem se arrastando há anos.

Vida no campus. O Centro de Cultura e Eventos faz tempo que não merece a alcunha de "elefante branco". A prova são as formaturas, os eventos nacionais e o sucesso dos recentes shows. Paulinho da Viola e Yamandu Costa não deixam mentir.

Em tempo. Um lavador de carro foi expulso do campus por assédio sexual. É o mínimo diante da falta de garantias oferecidas pela Delegacia da Mulher. O caso exige monitoramento especial da Segurança da Universidade.

Sujeito sincero. Com o Reuni "batendo na bunda", o pró-reitor de Planejamento da UFMG, José Nagib Cotrim Arabe, colocou água no chope do reitor quando confessou não acreditar "muito" no planejamento estratégico. O Seminário tinha o objetivo de alavancar o processo na UFSC, que, aliás, nesse negócio andou fazendo escola em passado recente.

Frase

Em quinze minutos o sol nos fornece mais energia do que todo o Planeta consome em um ano.

(Ricardo Rüter, presidente da comissão organizadora do II Congresso Brasileiro de Energia Solar e da III Conferência Latino-Americana da Sociedade Internacional de Energia Solar).

Memória

Assim os aposentados, quando se manifestavam, eram tratados em 1979. O flagrante do fotógrafo James Tavares, ex-Agecom, mostra um "inativo" empurrado pela PM na escadaria da Catedral Metropolitana de Florianópolis.

Experimentação animal e a vitória da razão

O debate sobre os direitos dos animais sofre a influência de duas atitudes conflitantes: o romantismo de Michel de Montaigne (1533-92) e o racionalismo de René Descartes (1596-1650), franceses e quase contemporâneos. Montaigne foi um dos campeões na luta em prol dos direitos humanos, ideais que descambaram na Revolução Francesa (1789). Ele considerava que o homem deveria se espelhar no modo de vida dos animais, os quais viviam em harmonia com a natureza. Os animais tinham certas virtudes que faltavam ao ser humano, como lealdade, prudência, sabedoria e comportamento previdente. A soberbia do homem o levava a se equiparar à Deus, a sua índole guerreira explicava as guerras e as perdas de vidas por motivos fúteis. A imperfeição de nossos corpos provocava a vergonha da nudez, algo inexistente entre os animais. Essas idéias até hoje inspiram os ambientalistas e os "defensores dos animais". O romantismo de Montaigne contrasta radicalmente com o pensamento de René Descartes, pois este julgava que os animais são desprovidos de alma e dependem a maior parte do tempo em busca de alimento. O homem é o único ser racional e é o único que busca o conhecimento, o alimento da alma.

O "amor aos animais" geralmente revela grandes equívocos. Estima-se que foram catalogados cerca de 4,4 milhões de espécies de organismos vivos, mas o número real é estimado entre 4,4 e 80 milhões. Desse modo, surge uma questão: os defensores dos animais defendem quais animais? A lista inclui o mosquito da dengue? O proselitismo em torno dessas questões muitas vezes revela uma atitude ingênua e antropocêntrica acerca da natureza. Nós teríamos que estudar todas as espécies existentes, levando em conta suas

especificidades e sem esquecer que muitas representam sérios riscos à integridade física do ser humano. O que designamos "direitos dos animais" é desprovido de significado ou apenas revela o que nós julgamos ser conveniente para os animais – um absurdo, pois o nosso conhecimento sobre suas necessidades é bastante restrito. Por último, o "amor aos animais" é apenas uma atitude sentimental exibida em relação às aves de plumagem exuberante, primatas ou mamíferos de grande porte (baleias, lobos e alguns felinos). Animais emblemáticos despertam simpatias, como as imagens de TV que exibem tartarugas marinhas extraviadas e pinguins sendo banhados gentilmente com xampus. O irrealismo tem alguma serventia, pois desperta nas crianças maior respeito à natureza e aos seres vivos, mas elas podem suscitar estereótipos negativos sobre o manejo racional e o uso de animais na investigação científica.

O proselitismo ideológico e a desonestidade intelectual em torno das discussões sobre os "direitos dos animais" ainda seuzem muito os espíritos ingênuos. Essas questões revelam um estranho paradoxo: as conquistas científicas permitiram a redução da mortalidade materno-infantil, nossos idosos vivem melhor e doenças antigas que ceifavam vidas há muito foram eliminadas (sífilis, varíola, febre puerperal e o "mal de sete dias"), mas a geração que mais se beneficiou dessas conquistas é justamente a que mais rejeita o modo como os cientistas atuam. A celeuma em torno desse assunto está circunscrita ao ambiente urbano e tem causado dores de cabeça aos pesquisadores nas universidades, pois eles usam rotineiramente o modelo animal em seus estudos sobre as causas de enfermidades va-

riadas, desenvolvimento de medicamentos e vacinas e treinamento de técnicas cirúrgicas. O aumento da longevidade, o fluxo migratório e os novos hábitos têm ocasionado o surgimento de novas enfermidades (Aids e febre asiática) e outras estão ressurgindo com novo vigor, como a tuberculose.

O ambiente universitário é terreno fértil para o proselitismo ideológico. O ensino é cada vez mais deficiente e frequentemente os alunos associam qualidade de ensino a discussões sobre implantação de refeições vegetarianas, transporte gratuito (passe livre) e moradia estudantil. Um consórcio europeu despendeu cerca de US\$ 9 bilhões na construção de um colossal acelerador de partículas, para simular as condições que deram origem ao universo, mas nós estamos há mais de trinta anos envolvidos na "democratização do ensino" e "pedagogia do oprimido", deixando de lado as inovações científicas e tecnológicas. Engana-se quem pensa que a rejeição ao uso de animais na investigação científica é resultante da simples ignorância ou de alguma dificuldade cognitiva. As mulheres são mais vulneráveis a este discurso, os ativistas são jovens e brancos, exibem alto nível de escolaridade, são vegetarianos e apreciam as humanidades ou são ligados às artes.

Os ativistas atuam primordialmente nas universidades, onde essas idéias vicejam e poucos vêem algo de ridículo em tais propostas. O cidadão comum fica espantado: "Essa garotada não estuda?" Eles publicam livros, suas palestras são concorridas e, por mais espalhafatosos que sejam, usufruem status de "mente aberta" ou "pessoa séria". Um espanto. Outro equívoco interessante é a suposta índole pacífica dos ativistas, pois alguns grupos de defesa dos animais invadem laboratórios, quebram ou incendeiam as instalações, ameaçam os

pesquisadores – leitor curioso, dê uma olhadinha no Google para saber como esses grupos atuam no exterior.

A proibição ao uso de animais nas investigações científicas surgiu no Rio de Janeiro e Florianópolis, fruto de propostas encaminhadas pelos vereadores. Um ex-ator de telenovelas liderou o movimento e ganhou as simpatias dos artistas e socialites (uma delas mantinha uma coleção de gatos em seu apartamento, a única credencial que justificava o seu "amor aos animais"). A deliberação estabelecia um "apagão do conhecimento" nas pesquisas biomédicas, um atentado ao bom senso. Com efeito, a Organização Mundial da Saúde recomenda testes de vacinas e medicamentos com animais e, com efeito, o Ministério da Saúde não poderia agir de modo diferente. Com o intuito de minimizar a enorme confusão gerada sobre o assunto, o Senado Federal aprovou uma lei (9 de Setembro/2008) para atender os anseios da comunidade científica. A lei regulamenta o que já vinha sendo feito nas universidades e instituições respeitáveis, como o Instituto Oswaldo Cruz e o Butantã. Após um debate amplo e democrático, nossos legisladores descobriram duas coisas elementares: o modelo animal não somente é fundamental, mas necessário, e as investigações científicas não devem ser interrompidas, mas estimuladas. As autoridades do Ministério da Saúde e as agremiações científicas (SBPC, Conselho de Reitores das Universidades e Academia Brasileira de Ciências) comemoraram as luzes que iluminaram o mar de trevas e ignorância. Viva a ciência!

Rogério F. Guerra

Professor-Titular em Psicologia Experimental, Departamento de Psicologia/UFSC.

Ciência para quem?



Foto: SXC/HU

Quando à ciência, consideramos que ela chegou a uma fase particularmente crítica. É verdade que não se pode negar que ela evoluiu muito e permitiu à Humanidade realizar progressos consideráveis. Sem ela, os homens ainda estariam na idade da pedra. Mas, enquanto os gregos haviam elaborado uma concepção qualitativa da pesquisa científica, o século XVII provocou um verdadeiro sismo, instaurando a supremacia do quantitativo, o que não deixa de guardar relação com a evolução da economia. O mecanicismo, o racionalismo, o positivismo, etc., fizeram da consciência e da matéria dois campos bem distintos e reduziram todo fenômeno a uma entidade mensurável e desprovida de subjetividade. O como eliminou o porquê. Se é uma fato que as pesquisas realizadas ao longo das últimas décadas resultaram em descobertas importantes, o ganho financeiro parece ter primado sobre o resto. E chegamos hoje ao ápice do materialismo científico.

Tornamo-nos escravos da ciência, tanto mais que não a submetemos à nossa vontade. Simples falhas tecnológicas podem hoje colocar em perigo as mais avançadas sociedades, o que prova que o Ser Humano criou um desequilíbrio entre o qualitativo e o quantitativo, mas também em ele próprio e aquilo que criou. Os objetivos materialistas que ele persegue hoje em dia, atra-

vés da pesquisa científica, acabaram extraviando seu espírito. Paralelamente, eles o afastaram de sua alma e do que nele há de mais divino. Essa excessiva racionalização da ciência é um perigo real que ameaça a Humanidade a médio e talvez mesmo a curto prazo. Com efeito, toda sociedade em que a matéria domina a consciência desenvolve o que há de menos nobre na natureza humana. Em virtude disso ela se condena a desaparecer prematuramente e em circunstâncias o mais das vezes trágicas.

Em certa medida, a ciência tomou-se uma religião, mas uma religião materialista, o que é paradoxal. Fundada numa abordagem mecanicista do Universo, da Natureza e do próprio Ser Humano, ela tem seu próprio credo ("Só acreditar naquilo que veja") e seu próprio dogma ("Nenhuma verdade fora dela"). Isto posto, observamos no entanto que as pesquisas que ela realiza sobre o como das coisas levam-na cada vez mais a se interrogar sobre o seu porquê, de modo que ela pouco a pouco toma consciência de seus limites e nisso começa a se juntar ao misticismo. Certos cientistas, ainda raros, é verdade, chegaram mesmo a propor a existência de Deus como postulado. É de se notar que a ciência e o misticismo estavam muito ligados na Antiguidade, a tal ponto que os cientistas eram místicos e vice-versa. É precisamente a reunificação desses dois meios de

conhecimento que precisa ser realizada no decorrer das próximas décadas.

Tornou-se necessário repensar a questão do saber. Por exemplo, qual é o sentido real da reproduzibilidade de uma experiência? Uma proposição que não se confirme em todos os casos, será ela necessariamente falsa? Parece-nos urgente superarmos o dualismo racional estabelecido no século XVII, pois é nessa superação que reside o verdadeiro conhecimento. Nesta linha de pensamento, o fato de não se poder provar a existência de Deus não é suficiente para se afirmar que ele não existe. A verdade pode ter várias faces; manter somente uma, em nome da racionalidade, é um insulto à razão. Além disso, pode-se verdadeiramente falar em racional e irracional? É a própria ciência racional, ela que crê no acaso? Parece-nos com efeito muito mais irracional acreditar nele do que não acreditar. Neste particular, devemos dizer que nossa Fraternidade sempre se opôs à noção comum do acaso, que ela considera uma solução de facilidade e uma fuga ante o real. Nele vemos o que a seu respeito disse Albert Einstein, a saber: "A Senda que Deus adota quando quer permanecer anônimo".

A evolução da ciência coloca também novos problemas nos planos ético e metafísico. Embora seja inegável que as pesquisas em genética permitiram fa-

zer grandes progressos no tratamento de doenças a priori incuráveis, elas abriram caminho a manipulações que permitem criar seres humanos por clonagem. Este gênero de procriação só pode levar a um empobrecimento genético da espécie humana e à sua degenerescência. Além disso, ela supõe critérios de seleção inevitavelmente marcados pela subjetividade e apresentada, por conseguinte, riscos em matéria de eugenia. Por outro lado, a reprodução por clonagem só leva em conta a parte física e material do ser humano, sem atentar para o espírito nem para a alma. Por isso consideramos que essa manipulação genética fere, não somente sua dignidade, mas também sua integridade mental, psíquica e espiritual. Nisso aderimos ao adágio, ciência sem consciência é a ruína da alma. Na História, a apropriação do Ser Humano pelo Ser Humano só deixou tristes lembranças. Parece-nos então perigoso permitir livre curso às experiências relativas à clonagem reprodutora do ser humano em particular e dos seres vivos em geral. Temos os mesmos receios a propósito das manipulações que tangem ao patrimônio genético dos animais com aos dos vegetais.

Fragmento do Manifesto *Positio Fratemitatis Rosae Crucis*, da Ordem Rosa Cruz.

Os artigos são de inteira responsabilidade de seus autores

Engenharia de Mobilidade, um novo conceito

Foto: José Assenso/sxc.hu

O curso, que será implantado a partir de agosto de 2009 no campus de Joinville, terá duas grandes áreas: Engenharia Veicular e Engenharia de Transportes

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Na semana em que a UFSC realizava mais um vestibular, o Conselho do Centro Tecnológico aprovou a implantação do revolucionário curso de Engenharia de Mobilidade no campus de Joinville, a partir de agosto de 2009. O curso terá 200 vagas por semestre e o primeiro vestibular de acesso deve ocorrer entre maio e junho do próximo ano. De acordo com o diretor do CTC, professor Edison da Rosa, nos primeiros três anos o conjunto de disciplinas será uniforme para todos os alunos e depois disso eles elegem a especialização de seu interesse.

Para isso, a Universidade criou sete alternativas, dentro de duas grandes áreas – Engenharia Veicular e Engenharia de Transportes. Na primeira, as opções são Engenharia Naval e Oceânica, Engenharia Aeronáutica,

Engenharia Automobilística, Engenharia Ferroviária e Engenharia Mecatrônica. Na segunda área, os estudantes podem escolher entre Engenharia de Tráfego e Logística e Engenharia de Infra-estrutura.

O diretor do CTC ressalta que a intenção é atender a todas as áreas ligadas à área de transporte, englobando rodovias, portos, aeroportos e ferrovias. A Engenharia Ferroviária, por exemplo, é uma especialidade inédita em universidades, enquanto a Mecatrônica é importante porque se ocupa da parte elétrica e de controle dos meios de transporte. “Existe uma grande demanda por profissionais na indústria naval e na infra-estrutura, por exemplo”, diz Edison da Rosa. “Até agora, só havia cursos isolados, mas com este conceito estamos sendo pioneiros no mundo”.

O professor explica que também em Curitiba e Araranguá os cursos serão voltados para as

necessidades regionais. No primeiro caso, as ciências rurais serão o foco da proposta pedagógica e do primeiro vestibular, e no sul do Estado o curso será na área de sistemas digitais, oferecendo formação abrangente no campo das ciências computacionais.

Em expansão – O Vestibular 2009 da UFSC ocorreu nos dias 7, 8 e 9 deste mês, com provas nas cidades de Florianópolis, Blumenau, Camboriú, Chapecó, Criciúma, Itajaí, Joaçaba, Joinville, Lages e Tubarão. Este ano a Universidade oferece 4.571 vagas em 70 cursos, incluindo as habilitações. Inscreveram-se 30.870 candidatos.

Com 42,96 candidatos por vaga, o Curso de Medicina liderou o ranking de inscrições no vestibular.

Complementam a lista dos 10 cursos mais procurados Arquitetura e Urbanismo (14,31 candidatos por vaga), Direito diurno (13,42), Jornalismo (11,75), Engenharia Civil (11,61), Engenharia Química (11,06), Engenharia Mecânica (10,71), Direito noturno (10,47), Oceanografia (9,90) e Relações Internacionais (9,85).



UFSC utiliza o conhecimento para auxiliar vítimas das enchentes

Como fez em outras oportunidades, a UFSC se engajou no esforço pelo socorro, num primeiro momento, e depois na reconstrução do que foi perdido com as chuvas em Santa Catarina. Recolheu donativos, ofereceu seu conhecimento, destacou técnicos e pesquisadores, enfim, contribuiu para que soluções imediatas ou de longo prazo fossem discutidas e implementadas, procurando minimizar o sofrimento momentâneo da população e prevenir sinistros semelhantes no futuro.

Nas primeiras horas da enchente, o reitor Alvaro Prata fez contato com autoridades para colocar a UFSC à disposição do Estado no que fosse necessário. As doações se multiplicaram no hall da Reitoria na medida em que as águas iam subindo e que a população foi percebendo a gravidade da situação, especialmente no Vale do Itajaí.

Em tragédias anteriores – como a inundação de Tubarão, em 1974, e as

enchentes de 1983 e 1984, no Vale, para citar os casos mais graves – a UFSC havia igualmente prestado seu apoio, auxiliado as vítimas, estudado cada fenômeno climático de grande impacto e fornecido subsídios para a busca de soluções sustentáveis. O conhecimento de seus mestres e pesquisadores tem ajudado a apontar alternativas para questões ambientais sérias que a ocupação e a urbanização desordenada têm potencializado em Santa Catarina.

O excesso de chuvas e a incúria humana provocaram mais calamidade, mortes e a perda de sonhos de milhares de catarinenses. No entanto, a hora é de reconstruir, e nessa etapa a UFSC pode entrar com o know-how adquirido em 48 anos de parceria com o Estado. Mais à frente, quando for preciso repensar o modelo de expansão urbana do Estado, a instituição estará outra vez a postos para dar a sua contribuição.



Foto: Jones Bastos/ Agecom

Universidade também serviu de ponto de arrecadação dos donativos

Pelo direito de

ir e vir

Vagas destinadas aos portadores de deficiência na UFSC não são respeitadas, dificultando a vida acadêmica de quem tem dificuldades de se locomover

Texto e fotos: Isis Martins Dassow
Bolsista de Jornalismo na Agecom

Pedro Tiuna Oppliger, 22 anos, estudante de Geografia da UFSC, é paraplégico. Todos os dias de manhã vem de carro para a Universidade, mas pelo menos uma vez por semana se depara com um problema: encontra ocupadas as vagas reservadas para pessoas com deficiência de mobilidade. Flávia Guimarães, 22, trabalha no prédio da Reitoria e sofre há tempos com a mesma falta de respeito. Deficiente motora da cintura para baixo, diz que um dos motivos que a fizeram desistir do curso de Biblioteconomia foi a dificuldade em estacionar, pois as vagas especiais estavam sempre ocupadas por veículos sem o adesivo de identificação.

A questão é recorrente. Douglas Dilli, chefe da Segurança da UFSC, afirma que quase todo dia os seguranças observam o problema. "O desrespeito é grande", diz. Um segurança que prefere não se identificar confirma: "Olha, acontece muito. São professores, estudantes, servidores. Ocupam as vagas indevidamente, estacionam em cima das rampas de acesso ou na fren-

te delas, bloqueando a passagem. E o pior de tudo é que algumas vezes, mesmo quando pedimos, não tiram o carro", revela. Teles Espindola, segurança, também lembra de algumas situações. "Certa vez pedi para que um professor retirasse o carro. Ele respondeu que não havia mais vagas e estava atrasado para a aula, e não atendeu ao meu pedido".

O Ouvidor da UFSC, Arnaldo Podestá Júnior, afirma que este ano já houve mais de dez denúncias, mas apenas três foram registradas oficialmente. "Infelizmente, muitos preferem não formalizar a reclamação", diz. Já Flávia reivindica seus direitos desde o ano de 2004, e afirma que a UFSC sempre esteve disposta a atendê-la. "É difícil o controle, mas a Universidade se esforça para fazer com que haja respeito".

Em 2007, ela começou o curso de Biblioteconomia. "Ali no CED era complicado. Lá tem três vagas especiais, mas ninguém respeita e não há quem controle". Raramente conseguia uma das vagas, e tinha que estacionar nos espaços comuns, geralmente longe do prédio. "Caminho de muletas e quando faço muito esforço sinto dor". Este ano, no

fim do primeiro semestre, teve duas distensões no ombro, devido ao grande esforço que faz para apoiar-se nas muletas. "Às vezes, quando ficava com o braço dolorido, não podia ir à aula", diz.

O problema das vagas foi um dos fatores que a fizeram desanimar. "Eu chegava à noite no campus. Imagine: mulher, sozinha, no escuro, em um lugar sem segurança, tendo que estacionar longe do prédio e com dificuldades para andar. Não quis colocar minha vida em risco". No início deste ano a estudante trancou o curso.

Pedro Tiuna, que também formalizou a reclamação junto à Ouvidoria, afirma que às vezes tenta conversar com os motoristas imprudentes. "Já fui ignorado e também já ouvi de tudo. Dizem que estão atrasados para a aula e saem, ou simplesmente respondem que não vão tirar o carro. Também falam que as outras vagas estão todas vazias e que uma não faz diferença". Mas para Pedro faz. "Isso mostra a falta de senso comunitário das pessoas. E não é só em relação à vaga, é em relação a tudo... A sociedade está em declínio por isso: por não saber conviver em grupo", desabafa.



Pedro: "Já fui ignorado e também já ouvi de tudo"

Quem tem direito ao adesivo

Podem utilizar as vagas especiais veículos conduzidos ou que transportem pessoas com deficiência física, visual ou mobilidade reduzida - temporária ou permanente. Carlos Rogério da Silva, estagiário de Engenharia Civil do Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (Ipuuf), explica: "O benefício não é apenas para portadores de deficiência física. Alguém que esteja com uma perna quebrada e tenha dificuldades para se locomover também usufrui do direito".

Para utilizá-las, entretanto, o veículo deve obrigatoriamente estar identificado. Aos portadores de necessidades especiais permanentes é necessário que esteja fixado no pára-

brisa um adesivo de identificação. Deficientes físicos podem solicitá-lo na Associação Florianopolitana de Deficientes Físicos (Aflodef); deficientes visuais devem entrar em contato com a Associação Catarinense para Integração do Cego (Acic), para obter informações de como obtê-lo; portadores de outras condições especiais permanentes devem solicitar ao Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis (Ipuuf) orientações sobre como proceder.

Já as pessoas com problemas temporários devem requerer ao IPUF uma autorização, que deve ser colocada no painel do veículo sempre que a vaga especial for utilizada. O pedido deve ser encaminhado junto com um atestado médico que indique a condição de saúde do indivíduo e o período necessário de utilização do benefício.

UFSC não tem como multar

A Guarda Municipal ou a Polícia Militar não podem aplicar multas em veículos que estejam em estacionamentos internos da UFSC, apenas nas vias municipalizadas, que são as entradas em frente às rótulas da Trindade, da Carvoeira e do Pantanal. Mas Douglas Dilli, chefe da segurança universitária, diz que há possibilidade de mudanças: "Estamos em vias de firmar um convênio para que seja possível a atuação em todas as áreas do campus".

Enquanto isso, a segurança universitária tenta agir como pode. A primeira atitude tomada pelos vigias é a conversa. "Pedimos às pessoas que estacionam indevidamente que usem as vagas comuns.", diz Douglas. Nas vias internas do Campus, quando o responsável pelo veículo não se encontra no local, é fixada uma notificação. Já se a vaga especial se encontra em uma via municipalizada, a guarda municipal é chamada.

Jair Napoleão Filho, diretor do Departamento de Gestão, Programação e Acompanhamento da Pró-Reitoria de Infra-Estrutura, afirma que essa questão pode ser resolvida se os motoristas se conscientizarem sobre a importância do respeito às pessoas que realmente necessitam. "Nossas seguranças não têm como fiscalizar o tempo todo. É preciso que os usuários mudem de postura", diz.

Situação das vagas - Atualmente,

Estacionar indevidamente em vagas destinadas a pessoas com dificuldades de mobilidade é proibido por lei. De acordo com o parágrafo XVII do Artigo 181 da Lei 9.503/97 do Código de Trânsito Brasileiro, o ato de estacionar o veículo em desacordo com as condições regulamentadas especificamente pela sinalização é considerado uma infração de caráter leve, sob pena de multa e remoção do veículo.

te, distribuídas entre os estacionamentos do campus da Trindade, há 35 vagas especiais. A ampliação desse número é feita à medida em que os centros solicitam. O pedido é feito à Pró-Reitoria de Infra-Estrutura, que o encaminha à Prefeitura do Campus, responsável por pintá-las e fixar a sinalização. No início de outubro, o Centro de Comunicação e Expressão solicitou duas novas vagas, que já devem ficar prontas esta semana.

Carlos Rogério, do IPUF, afirma que as vagas especiais da universidade estão fora do padrão. De acordo com ele, as dimensões não estão de acordo com as convenções adotadas em 2007 pelo Conselho Nacional de Trânsito (Contran). Além disso, nem todas possuem área de transferência, um espaço adicional de circulação necessário quando a vaga encontra-se afastada da faixa de travessia de pedestres. Essa área sinalizada é destinada a garantir que os usuários desçam do veículo e se locomovam até a calçada de forma segura.

A prefeitura do Campus reconhece o problema e afirma que as próximas serão feitas seguindo o padrão estabelecido pela resolução 236/2007 do Contran. O prefeito Lorival Pierre diz ainda que está sendo discutido um projeto de reformas nos estacionamentos para o ano que vem, e que dentre as mudanças previstas estão a melhoria de calçadas, rampas de acesso e adequação das vagas em questão conforme os modelos oficiais.



Flávia: a dificuldade em encontrar vagas colaborou para que desistisse do curso de Biblioteconomia

O alimento que cresce no ar

A hidroponia, técnica de cultivo que não se utiliza da terra, e sim de tubos suspensos com água, se expande no País graças a vantagens ambientais, ao valor nutricional e à durabilidade das plantas

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Com pouca literatura disponível, cursos superiores focados no plantio tradicional e um mercado ainda restrito, especialmente no sul do País, os encontros periódicos de hidroponia são o principal instrumento de reciclagem e atualização de que dispõem muitos produtores pelo Brasil afora. "É aonde o setor vai avançando", diz o professor Jorge Barcelos, coordenador do 3º Encontro Brasileiro de Hidroponia, realizado em novembro em Florianópolis. O evento trouxe ao Estado produtores, consultores, pesquisadores e empresas fornecedoras de insumos e equipamentos para discutir aspectos como a produtividade, comercialização, redução de custos e manejo de pragas no cultivo hidropônico. A organização ficou sob a responsabilidade da Projecter

Consultoria, Idéias e Projetos (www.projecter.com.br, fone (48) 4052-9052).

A hidroponia é definida como uma técnica alternativa de cultivo em ambiente protegido, na qual o solo é substituído pelas soluções nutritivas, onde estão contidos todos os nutrientes essenciais ao desenvolvimento da planta. Existem vários sistemas de cultivo – que contemplam também forragem e plantas ornamentais e frutíferas –, que se diferem quanto à forma de sustentação da planta (meio líquido e substrato), ao aproveitamento da solução nutritiva e ao modelo de fornecimento dessa solução. Na maior parte dos casos, as plantas ficam suspensas, sendo alimentadas por nutrientes na medida certa, de forma a permitir seu correto desenvolvimento.

Atividade ainda pouco expressiva no sul do Brasil, onde há água em abun-

dância e poucos técnicos ou agrônomos com conhecimento sobre a atividade, a hidroponia ganha cada vez mais espaço em outras regiões do país. Trata-se de um cultivo que se impõe pelo caráter familiar do negócio, baixo consumo de água, pequeno impacto sobre o meio ambiente, maior durabilidade em relação ao produto convencional, maior resistência da planta a pragas e doenças, uniformidade da produção e a possibilidade de fornecer à planta todos os elementos de que necessita para se desenvolver num ciclo curto, limpo e rentável.

No encontro de Florianópolis, havia gente de todos os Estados e até de países vizinhos, cada um dando seu testemunho sobre conquistas e percalços, resultados e técnicas refinadas ou empíricas que aplicam no dia-a-dia. Há produtores no país fornecendo 3.000

maços de alface por dia a restaurantes e empresas com cozinha industrial. Por outro lado, o setor não é organizado, o que reduz o seu poder de barganha e a tabulação de dados e estatísticas mais precisas sobre a sua participação do bolo do agronegócio.

Para fornecer subsídios aos produtores e interessados em entrar na atividade, o Centro de Ciências Agrárias da UFSC realiza três cursos por anos – em março, junho e novembro – e mantém uma horta hidropônica no bairro Itacorubi, na capital catarinense. Assim como o professor Barcelos, o consultor Pedro Furlani, um dos grandes especialistas em hidroponia no País, destaca as vantagens do segmento, entre os quais o fato de não poluir as águas subterrâneas, a resistência das plantas às intempéries e o alto valor nutricional do produto.

Diferenciais da hidroponia

- O produto é uma planta viva (é vendida com a raiz)
- A planta é colhida no mesmo dia (na madrugada) em que é vendida
- A planta dura mais na geladeira
- O cultivo exige dez vezes menos água que o plantio convencional
- A planta tem mais resistência a pragas e doenças
- A planta recebe os elementos de que precisa sem risco de vir contaminada pelo solo
- O trabalho é feito em pé e sob uma cobertura que filtra os raios solares
- A distribuição pode ser feita de moto, que é mais ágil e econômica
- A mão-de-obra pode ser buscada próximo à área de cultivo
- As folhas descartadas podem alimentar peixes e frangos ou servir de adubo
- Há maior uniformidade na produção e redução do ciclo de cultivo
- A produção concentrada e maximizada reduz o impacto ambiental (desmatamento)

Novas fronteiras

Presente no congresso, o agrônomo e produtor gaúcho Carlos D'Agos-tini qualifica a hidroponia como a "horticultura moderna" e diz que ela vai instituir a "agricultura urbana" no Brasil, pelo tipo de mercado que atende e pela possibilidade de trabalhar com áreas diminutas – vantagens logísticas que não contemplam outras atividades ligadas à produção de alimentos. Estabelecido em Rio Branco, no Acre, ele já vendeu 7,5 milhões de maços de alface, abriu uma central de distribuição em Manaus, trabalha com funcionários formados ou cursando a faculdade e com um sistema informatizado de planilhas que agiliza seu processo de produção e vendas.

Depois de vencer numa região pouco habituada ao consumo de verduras e hortaliças, D'Agostini acumulou conhecimento suficiente para dizer que a hidroponia reúne "pelo menos 17 vantagens" em relação aos sistemas convencional e orgânico (*ver parte delas no quadro*). Como ele, Weber Antonio Velho e Adauto Venério, há 13 anos no ramo, abriram fronteiras em Porto Velho, Rondônia, onde as doenças da

Continua



O alimento que cresce no ar

Continuação

O Centro de Ciências Agrárias da UFSC realiza três cursos por ano – em março, junho e novembro – e mantém uma horta hidropônica no bairro Itacorubi



Fotos: Jones Bastos



Mário: “hidroponia nem aparece no catálogo das linhas de crédito do BNDES”

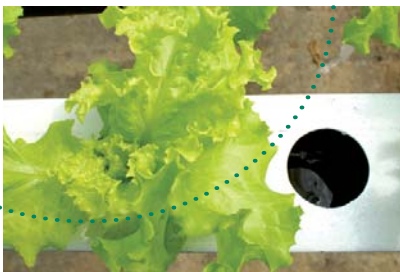
No interior da Ilha

Há quatro anos, decidido a trabalhar por conta própria, o engenheiro agrônomo Mário Antenor Coelho Jr. comprou uma área em Rationes, interior da Ilha de Santa Catarina, para implantar uma horta hidropônica. Inicialmente com um sócio, depois sozinho e com apenas um funcionário, ele precisou se recuperar dos prejuízos de um vendaval, em 2005, e enfrentar o pouco interesse do mercado, mas com persistência foi consolidando seu negócio, que hoje abastece 14 restaurantes, lanchonetes e supermercados de Florianópolis. Sua produção é pequena – cerca de seis mil pés de alface e três mil de rúcula –, mas deve ser dobrada em 2009, com a construção de novas estufas e a contratação de mais dois ajudantes.

“Adoro o que faço”, garante o agrônomo, ressaltando que “o sabor das plantas hidropônicas não tem comparação” e que as folhas de rúcula e alface que cultiva “são mais tenras que as outras”. Quem o visita, em Rationes, sai impressionado com a coloração das verduras e com as bancadas bem organizadas, com plantas em vários estágios de crescimento. Há problemas a superar, como a falta de assistência técnica e de financiamentos, a queda da demanda fora da alta temporada e a pouca informação da população sobre os produtos hidropônicos. “Os orgânicos têm marketing e apoio, e no BNDES a hidroponia nem aparece no catálogo das linhas de crédito”, denuncia ele.

Após participar do 3º Congresso Brasileiro de Hidroponia, o produtor Delmar Zimmer, que veio de Fortaleza, foi visitar e trocar experiências com Mário Coelho no interior da Ilha. Ele mudou-se há 13 anos de Novo Hamburgo (RS) para o Nordeste e hoje comercializa entre 90 mil 100 mil plantas por mês. Tem mil metros quadrados de estufas e praticamente ensinou os cearenses a comer verduras, graças à qualidade de suas plantas e aos temperos que levou do Sul. Uma grande vantagem da hidroponia? “Poder trabalhar durante 365 dias por ano, mesmo na chuva e no calor de Fortaleza”, diz ele.

A hidroponia ainda é pouco expressiva no sul do Brasil, onde há água em abundância e poucos técnicos ou agrônomos com conhecimento sobre a atividade



Continuação

população relacionadas a amebas caíram na mesma proporção da troca das hortaliças convencionais pelas hidropônicas. A demanda é tão grande que o investimento inicial – cerca de R\$ 60 mil, em média – pode ser recuperado em poucos meses.

Outro produtor presente no encontro foi Márcio Silva, de Criciúma, que cultiva alface, rúcula e agrião para distribuir em restaurantes da cidade. Um dos poucos produtores entre Florianópolis e a divisa com o Rio Grande do Sul, ele chegou a desistir do negócio, pelas dificuldades técnicas e de mercado encontradas, mas voltou seis meses depois e hoje custa a dar conta da demanda na área que atende.

Mesmo que o preço seja maior que o das verduras plantadas na terra – na proporção de R\$ 1,25 para R\$ 1,00, em média –, os produtores e especialistas ressaltam que há muitas vantagens nutricionais e ambientais na hidroponia. “Ecologicamente, mata a pau”, brinca o agrônomo D’Agostini, para quem o consumo de água é dez vezes maior no cultivo tradicional. “É um trabalho mais limpo, que não mexe com a terra e, por isso, atrai mais os jovens de hoje”, emenda o consultor Pedro Furlani, do Instituto Agrônomo de Campinas (SP). “Imune a intempéries, o sistema facilita o preparo da solução mais equilibrada para a planta e o uso do resto da propriedade para outras culturas ou atividades mais perenes”, completa.



Jorge Barcelos: encontros reunindo produtores de todo o Brasil fazem a técnica avançar



Mais uma conquista da Engenharia Biomédica

Laboratório vai ajudar os alunos da graduação e reduzir os custos de manutenção do aparato de saúde no Estado e no Brasil

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Reconhecido como um dos principais pólos de desenvolvimento tecnológico aplicado à área da saúde no Brasil e na América Latina, o Instituto de Engenharia Biomédica da Universidade Federal de Santa Catarina (IEB-UFSC) obteve mais uma conquista importante no ano em que completa seu 34º aniversário de criação. No dia 14 de novembro, o Departamento de Engenharia Elétrica e o IEB inauguraram o Laboratório de Ensino de Engenharia Biomédica (LEEB-UFSC), que num espaço de 150 metros quadrados disponibiliza um conjunto de ambientes e ferramentas inteiramente voltados a oferecer aulas práticas de Engenharia Biomédica para alunos de graduação. O laboratório fica no 3º andar do prédio do CTC, no campus da Trindade.

O primeiro impacto das pesquisas no laboratório será a redução dos custos de manutenção do aparato de saúde no Estado e no Brasil, por meio de uma gestão mais equilibrada dos recursos utilizados pelo sistema. Ele permitirá também uma formação mais completa de quem desenvolve tecnologias para a saúde, melhorando o conceito dos formandos em engenharia pela UFSC. "O IEB atende hoje, por meio de convênios, 11 hospitais da rede pública em Santa Catarina", informa o professor José Marino Neto, que coordena a instalação do laboratório. "A engenharia biomédica pode proporcionar uma importante economia de dinheiro para o sistema, pelo barateamento dos custos de manutenção dos equipamentos", completa ele.

Com o laboratório, a UFSC – que já contribui para a formação de dezenas

de pesquisadores e profissionais que atuam na melhoria dos processos de saúde no país – aumenta sua capacidade de desenvolver tecnologias médico-hospitalares que serão úteis para o setor. No dia da inauguração também foram apresentados a Plataforma de Ensino Prático de Engenharia Biomédica e o Portal Saúde+Educação, destinados a apoiar o ensino nas áreas da saúde e da engenharia biomédica, resultados de projeto recém-concluído no IEB com financiamento da Finep.

A inauguração do LEEB-UFSC marcou também o início do II Minicurso de Engenharia Biomédica na Prática, organizado e ministrado por pós-graduandos do IEB e destinado a alunos da graduação das engenharias. "Com a plataforma, há condições de oferecer um ensino prático de alta qualidade para as engenharias, mas pelo seu caráter interdisciplinar será possível beneficiar outras áreas no futuro", diz o professor Marino.

Muita pesquisa – O IEB-UFSC trabalha com quatro áreas para pesquisa, ensino e extensão em Engenharia Biomédica. Uma delas é a Instrumentação Biomédica, que desenvolve sistemas que ajudam os profissionais da área no diagnóstico, na monitoração de pacientes e na investigação de patologias, além de assistir os pacientes durante o tratamento ou em procedimentos de reabilitação. Dalí já saíram dispositivos como desfibrilador, ventilador pulmonar e sistemas utilizados para inves-

tigar o fluxo vascular, por exemplo.

A área de Informática em Saúde abrange os processos de educação, prática e pesquisa no campo da saúde e os seus desenvolvimentos, podendo manipular e processar dados, informação e conhecimento. Entre os projetos de destaque estão o que auxilia no diagnóstico de hepatites virais e o que ajuda na detecção de câncer de próstata.

Outra área é a da Engenharia Clínica, que atua no gerenciamento da tecnologia médico-hospitalar, visando ao uso adequado e racional dos recursos existentes em estabelecimentos de saúde. Projetos ali realizados permitem, por exemplo, determinar o ciclo de vida dos equipamentos eletromédicos e o melhor aproveitamento dos recursos financeiros, tecnológicos e humanos nos estabelecimentos de saúde.

Por fim, a área da Bioengenharia desenvolve instrumentação e sistemas de análise de dados comportamentais e fisiológicos, como hardwares e softwares destinados ao registro e processamento de parâmetros comportamentais e bioelétricos em animais de experimentação. O sistema Neurotracker, um dos projetos em execução, facilita o rastreamento e análise de movimentos de animais em campo aberto e em labirinto, sendo também utilizado em investigações sobre o efeito de drogas ou manipulações neurais sobre a atividade geral e locomoção de cobaias.

Mais informações: fone (48) 3721-8750 e site www.ieb.ufsc.br.



Foto: Paulo Noronha

O Laboratório de Ensino de Engenharia Biomédica disponibiliza um conjunto de ambientes e ferramentas inteiramente voltados a oferecer aulas práticas de Engenharia Biomédica para alunos de graduação

Estudo da UFSC aponta necessidade de maior fiscalização na Reserva do Arvoredo

Julio Ettore Suriano
Bolsista de Jornalismo na Agecom

O relatório parcial do projeto "Ilhas do Sul", que pretende elaborar um diagnóstico sobre as comunidades de peixes próximas a cinco ilhas catarinenses, aponta que a fiscalização exercida na Reserva Biológica Marinha do Arvoredo (Rebio) pode não estar contendo a pesca ilegal na área protegida. Utilizando o método do censo visual (contagem de indivíduos), os pesquisadores do Laboratório de Biogeografia e Macroecologia Marinha, do Centro de Ciências Biológicas da UFSC, não detectaram diferenças significativas nos valores de biomassa (quantidade total de matéria) de espécies-alvo de pesca entre ilhas localizadas na reserva e em outras sem proteção.

Para chegar a esta conclusão, a equipe realizou 89 mergulhos, entre dezembro de 2007 e abril de 2008, em 10 pontos localizados em cin-

co ilhas. Três pertencem à reserva e são protegidas por lei (Ilha da Galé, Ilha Deserta e Ilha do Arvoredo) e duas não têm restrição explícita à pesca, mas são importantes patrimônios ecológicos (Ilha do Campeche e arquipélago das Ilhas Moleques do Sul). De acordo com o método utilizado, segundo Diego Barneche, biólogo integrante do projeto, os três mergulhadores desceram a profundidades de 5m, 10m e 15m e anotaram as espécies identificadas em uma pequena placa de PVC para posterior sistematização dos dados.

Os resultados parciais mostram que, nas três ilhas localizadas na área da reserva, a massa total de espécies-alvo de pesca (como a garoupa e o badejo-mira) não teve significativas diferenças em relação às ilhas do Campeche e do arquipélago de Moleques do Sul - o que é curioso, já que estas não possuem restrição à pesca e a Rebio foi criada há 18 anos.

"Não é porque a reserva não funciona, é por-

que, provavelmente, tem muita pesca ilegal ali dentro", aponta Diego, que se formou no Curso de Biologia da UFSC no meio do ano. Ele conta também que, de acordo com antigos registros, nas décadas de 50 e 60 eram encontradas, a profundidades semelhantes e em localidades próximas, garoupas muito maiores, além de meros e tubarões, o que também aponta para falhas na preservação da reserva. "É muito pouco provável que, se esses peixes que existiam há 40 anos ainda existissem, nós não tivéssemos registrado", completa.

Os peixes predadores (alvo de pesca) são bons indicadores da saúde do ambiente marinho porque atuam na regulação das outras espécies. Estudos mostram que, em reservas marinhas com área similar à do Arvoredo, a biomassa destes peixes tende a aumentar e se aproximar do chamado "prístino" - um ambiente hipotético onde o homem nunca teria estado e, portanto, interferido no ambiente.

Foto: Diego Barneche



Censo visual para contagem dos indivíduos

Método sustentável

Embora esteja sujeito a consideráveis margens de erro, o censo visual tem como vantagem não agredir o meio ambiente. Outro método, por exemplo, mata todos os peixes com um veneno para que sejam contados. Diego diz, entretanto, que o mergulhador deve treinar e estudar bastante para memorizar as muitas espécies e identificá-las com rapidez.

O projeto conta com uma equipe de seis pesquisadores, é coordenado pelo professor Sérgio Floeter, do Departamento de Ecologia e Zoologia, e recebeu recursos do CNPq e da Fapesec.

Trabalho pioneiro

É a primeira vez que um estudo científico sistematiza dados sobre a ictofauna (fauna de peixes) em diversas ilhas de Santa Catarina, com diferentes graus de proteção contra a pesca. O projeto Ilha do Sul também é multidisciplinar: além dos estudos feitos com peixes, outros laboratórios parceiros estão quantificando algas, crustáceos, qualidade da água e outros organismos do fundo marinho. Além disso, é uma das poucas pesquisas que trabalha com recifes compostos por rochas, e não por corais, como a maioria.

Outra descoberta importante foi o registro inédito de cinco espécies em Santa Catarina durante os mergulhos. A Reserva do Arvoredo está localizada ao norte da Ilha de Santa Catarina, já a Ilha do Campeche e o arquipélago de Moleques do Sul ficam a leste.

Agilidade na revisão de artigos científicos

Periódico científico internacional homenageia professora da UFSC. Integrantes da comunidade acadêmica conquistam outras premiações e homenagens

Arley Reis

Jornalista na Agecom

A UFSC tem um dos 13 revisores mais rápidos do mundo na área de ciências agrárias. A homenagem foi direcionada à professora Edna Regina Amante, do Departamento de Ciência e Tecnologia de Alimentos (Centro de Ciências Agrárias), por editores do *Journal of Agricultural and Food Chemistry*. A publicação da *American Chemical Society* é um dos mais destacados periódicos indexados do mundo na área.

O jornal homenageou e agradeceu o esforço de revisores de todo o mundo por sua presteza e agilidade na revisão dos artigos científicos. "Esse é um trabalho voluntário, que todo pesquisador faz. É normal", diz a professora que de julho de 2007 a julho de 2008 revisou 16 artigos. A avaliação desse material é mais uma atividade na vida da coordenadora do Laboratório de Frutas e Hortalças e de projetos de pesquisa (tecnologias limpas são

seu foco de trabalho), orientadora de alunos de graduação e de pós-graduação. "Não reclamo de filas de espera", brinca a pesquisadora que sempre tem um artigo para leitura na mochila.

O trabalho de revisão, que vai para casa nos finais de semana, traz diferentes retornos à pesquisadora. "Ao ler os artigos estou conectada com estudos de todo o mundo. É uma oportunidade de estudar", avalia a professora que é ainda revisora da *Revista Biotemas da UFSC*; da *Revista Ceres*, da Universidade Federal de Viçosa; do *Brazilian Archives of Biology and Technology*, da Tecpar/Paraná; da *Revista Estudos Tecnológicos*, da Unisinos e de boletins técnicos da Embrapa. Além disso, colabora com o *International Journal of Food Science and Technology*, o *Journal of Food Engineering*, o *Journal of Food Processing Engineering* e com o *Journal of Food Chemistry e LWT*. A dedicação também beneficia os estudantes, que a partir do reconhecimento da professora têm oportunidades abertas em parcerias com instituições internacionais.



Foto: Paulo Noronha/ Agecom

Edna: revisar os artigos é oportunidade de estudar



Foto: Filipe Silveira Duarte

Prêmio José Pedro de Araújo

Filipe Silveira Duarte, pós-doutorando do Departamento de Farmacologia da UFSC, ganhou o primeiro lugar do Prêmio José Pedro de Araújo deste ano. O trabalho premiado foi desenvolvido no Laboratório de Neurofarmacologia, sob orientação da professora Thereza C. M. de Lima. Através de testes em camundongos e ratos, Filipe provou que a planta *Polygala sabulosa*, conhecida como timuto-pinheirinho, tem propriedades que diminuem a ansiedade e convulsões nos animais. A Fundação José Pedro de Araújo é uma instituição privada que premia anualmente o melhor trabalho científico do Brasil na área de plantas medicinais.

Destaque Nacional em Saneamento Ambiental

O professor Paulo Belli Filho, do Departamento de Engenharia Sanitária e Ambiental da UFSC, recebeu o diploma e a medalha de Destaque Nacional em Saneamento Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, concedidos pelo conselho diretor do Instituto Ambiental Biosfera. O professor é coordenador do projeto 'Tecnologias Sociais para a Gestão da Água', financiado pelo Programa Petrobras Ambiental. A iniciativa integra profissionais da UFSC, Epagri e Embrapa. A premiação é um reconhecimento ao trabalho das três instituições frente ao projeto que tem como objetivo promover a disseminação de práticas sustentáveis de produção, saneamento e gestão para o meio rural - todas ligadas ao uso sustentável da água.

Ordem do Infante D. Henrique

Professor do curso de Filosofia da UFSC desde 1991, João Eduardo Pinto Basto Lupi, cônsul honorário de Portugal em Florianópolis, recebeu da Embaixada de Portugal a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique. Criada em 1960 para comemorar o 500º aniversário da morte do navegador Infante D. Henrique, a condecoração distingue aqueles que prestam serviços relevantes a Portugal ou realizaram serviços de expansão da cultura portuguesa. Lupi foi homenageado por seu trabalho de cônsul honorário em Santa Catarina e sua ajuda voluntária a instituições portuguesas. O professor é o único no Estado que atua como voluntário.

Destaque do Ano na Iniciação Científica

Gabriela Ecco, aluna do Curso de Ciências Biológicas, ganhou o 3º lugar no Prêmio Destaque do Ano na Iniciação Científica 2008, promovido pelo CNPq. Seu trabalho (Inibição da ligação de AtMYB2 ao DNA pelo Óxido Nítrico envolve S-nitrosilação em Cisteína), foi orientado pelo professor Hernan Terenzi. Concedido anualmente pelo CNPq/MCT, o prêmio é um reconhecimento aos trabalhos de destaque entre os bolsistas de Iniciação Científica do CNPq e às instituições participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) que contribuíram de forma relevante para o alcance das metas do Programa.

Construção Sustentável

A UFSC foi premiada na primeira edição do Prêmio Excelência em Construção Sustentável Holcim Antac, direcionado a teses e dissertações sobre estudos que priorizam ações que diminuam o impacto ambiental, social e econômico da construção civil. O concurso premiou seis trabalhos nas categorias doutorado e mestrado. A universidade ficou com o primeiro lugar da categoria doutorado e uma menção honrosa na

mesma categoria. A tese de Joyce Correna Carlo, do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, recebeu o primeiro lugar. Chamado 'Desenvolvimento de Metodologia de Avaliação da Eficiência Energética do Envolvimento de Edificações Não-residenciais', o estudo estabeleceu métodos inéditos no Brasil para avaliação das estruturas que fornecem energia a uma construção.

Ocupação Urbana e Luz Natural

A UFSC também recebeu uma menção honrosa na categoria doutorado. A tese 'Ocupação Urbana e Luz Natural: Proposta de Parâmetro de Controle da Obstrução do Céu para Garantia da Disponibilidade à Luz Natural', de Solange Maria Leder, foi orientada pelo professor Fernando Oscar Ruttkay Pereira, da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. O estudo indica formas de garantir o acesso à luz do sol, mesmo com alto índice de urbanização. A pesquisa foi realizada na cidade de Florianópolis, mas a metodologia desenvolvida pode ser aplicada a outras localidades.



Foto: Solange Maria Leder

Universidade articula disseminação da energia solar

Com iluminação abastecida por painéis fotovoltaicos instalados no Centro de Cultura e Eventos, a UFSC realizou em novembro o II Congresso Brasileiro de Energia Solar e a III Conferência Latino-Americana da Sociedade Internacional de Energia Solar. Com grupos que são referências nesse campo, a universidade recebeu palestrantes internacionais e pesquisadores de diversas universidades brasileiras para os encontros realizados com objetivo promover a integração e o intercâmbio de tecnologias e pesquisas na área de energias renováveis, com foco especial na energia solar.

Além de promover a troca de experiências, o encontro foi um momento de articulação de ações de incentivo e disseminação da energia solar. No encerramento, os participantes comemoraram a oficialização de uma comissão técnica do Ministério de Minas e Energia para análise da viabilidade de ampliação do uso de fontes renováveis de energia no Brasil. Serão debatidos nesse grupo,

por exemplo, a implantação de aquecedores solares de água em boa parte das residências do país e a criação de usinas isoladas de energia fotovoltaica, em que o consumidor pode ter em sua casa painéis que permitam a geração de energia solar e posterior transferência da energia para a rede elétrica, como já é comum em países europeus.

A comissão deverá trabalhar ainda sobre o projeto de lei 1563/2008, que propõe alterar a Lei 10.438, de 26 de abril de 2002, que cria o Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica, o Proinfa (principal marco legal brasileiro de incentivo à geração de energia elétrica a partir de fontes renováveis de energia).

Se aprovado, o projeto de lei incentivará não apenas as fontes alternativas previstas pelo Proinfa, que são pequenas centrais hidrelétricas, biomassa e eólica, mas também outras fontes alternativas e renováveis de energia, como micropotenciais hidráulicos, ondas, marés, solar e geotérmica.

No campus com **Silvio Pléticos**

Fotos: Nilson Sô/ DAC

Durante um mês, artista expôs na universidade obras de diferentes fases de sua carreira

Paulo Clóvis Schmitz
Jornalista na Agecom

Ter dado os primeiros passos como artista na bela costa croata e passando boa parte da vida em Florianópolis (ou São José, mais precisamente), onde duas baías lembram um pouco a cidade medieval de Pula, sua terra natal, talvez explique porque os temas do mar – peixes, redes, pescadores – são tão recorrentes no trabalho de Silvio Pléticos. O pintor expôs cerca de três dezenas de suas obras, incluindo esculturas em gesso e resina patinada, na Galeria de Arte da UFSC, onde mesclou trabalhos recentes com telas dos anos 70 para construir um panorama de sua trajetória criativa, que se caracteriza pela inventividade e pela coerência.

Elementos do mar estão invariavelmente presentes nas obras, seja nos barcos deslizando na mansidão das baías, seja em pescadores com ou sem rosto, seja nos indefectíveis peixes sobre travessas ou em cestas pelo chão. Não são meras reproduções, mas imagens que instigam, indagam,

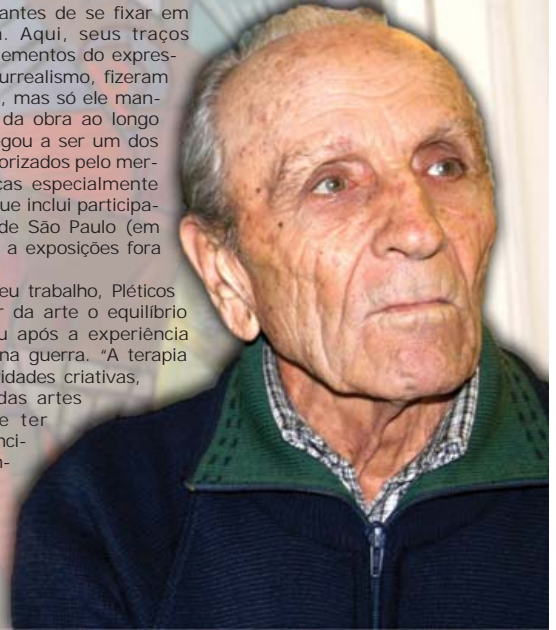
incomodam. O professor e crítico Sergio Molesí, da Universidade dos Estudos de Trieste, na Itália, atribui a riqueza temática de Pléticos ao fato de haver aportado no Brasil, no início da década de 60, onde “o experimentar e o entender pareciam sujeitar-se a algo mais secreto e impalpável, que é a própria vida em contato com a dimensão do natural, do exótico, do diferente, do original”.

Quando chegou a Milão, em 1939, Pléticos – que vinha de uma região habituada a conflitos étnicos e separatistas – viu explodir a Segunda Guerra e chegou a ser recrutado como soldado. A experiência deprimente das batalhas plantou nele um grande desapego pelos bens materiais e a busca por uma razão de viver que se transportou para a arte. Contribuíram para isso também a condição de órfão precoce e uma existência dura, de empregos braçais e esparsos, pelo menos até encontrar sua vocação artística.

Além de Pula, Zagreb (capital da Croácia, onde estudou artes aplicadas) e Milão, Pléticos morou em Ribeirão Preto (SP), Porto Alegre e Pas-

so Fundo (RS) antes de se fixar em Santa Catarina. Aqui, seus traços cubistas, com elementos do expressionismo e do surrealismo, fizeram vários discípulos, mas só ele manteve a unidade da obra ao longo da carreira. Chegou a ser um dos artistas mais valorizados pelo mercado local, graças especialmente a um currículo que inclui participações na Bienal de São Paulo (em 1972 e 1976) e a exposições fora do país.

Falando de seu trabalho, Pléticos atribui ao poder da arte o equilíbrio que reencontrou após a experiência de combatente na guerra. “A terapia através das atividades criativas, especialmente das artes plásticas, deve ter sido a razão principal que me manteve por toda a vida ‘amarrado’, quase que fanaticamente, a esta linda atividade”, escreveu ele.



Elementos do mar estão sempre presentes na obra de Pléticos. Para o artista, o poder da arte foi o responsável por seu reequilíbrio depois de combater na Segunda Guerra



Prêmio para **olhar a vida**

Olhar a vida, último livro do autor, recebeu o Prêmio Ruth Laus, da UBE/RJ

Olhar a vida, último livro de Alcides Buss, ganhou o prêmio Ruth Laus, concedido pela seccional carioca da União Brasileira de Escritores (UBE/RJ). O autor catarinense recebeu a condecoração na sede da Academia Brasileira de Letras, no Rio de Janeiro.

O prêmio foi instituído para homenagear Ruth Laus, também escritora e que teve uma participação importante na vida cultural

carioca nos anos 60 e 70. irmã de Harry Laus e falecida este ano, ela pertenceu a uma respeitada família de ficcionistas catarinenses, que tece entre seus expoentes também a romancista Lausimar Laus.

Alcides Buss, ex-diretor da Editora da UFSC e aposentado como professor do curso de Letras da mesma instituição, continua escrevendo poesia e fazendo planos para novos livros.

PÓS-MODERNO

O que falta dizer depois do adeus?

A alma, qual roseira no deserto,
reconhece a algema de sal que prende o algôz a si próprio.
Um resíduo de luz assinala um desejo, a flâmula dum erro, um frêmito nas cordas vocais.
Eu, tu, nós: rumamos para onde menos dói estar na esteira dos fatos.

Se pudéssemos, lentamente deixaríamos tudo como era e lembraríamos as coisas como quem adormece.

Jornalistas elegem Comissão de Ética

A eleição para a Comissão de Ética dos jornalistas em Santa Catarina confirmou os nomes de Eumar Francisco da Silva, Janete Jane Cardozo da Silveira, Marcos Antônio Bedin, Moacir Loth e Oldemar Olsen Júnior para o mandato 2008-2011. Foram registrados no processo *online* 111 votos entre os filiados, em dia com o Sindicato, de todo o Estado. A posse ocorreu no dia 22 de novembro.

Visão estratégica - Com abertura do reitor Alvaro Prata e coordenação do secretário de Planejamento Luiz Alberton, a UFSC realizou em Florianópolis o *Seminário de Planejamento e Gestão Estratégicos*, que teve a presença de especialistas como os professores Gileno Marcelino (UnB), Alziro Rodrigues (PUC-RS), Milton da Costa Lopes Filho (Unicamp), e José Nagib Cotrim Arabe (UFMG). O objetivo do evento foi incorporar a cultura da visão estratégica, para que “a Universidade se torne cada vez mais uma instituição eficiente e com boas práticas”, nas palavras do reitor.

Comunicação justa - A direção da Agecom marcou presença, em Florianópolis, no IV Congresso Brasileiro dos Assessores de Comunicação da Justiça. Tendo como tema central “Novas Tecnologias e a Democratização de Informação na Justiça”, o evento foi aberto com uma palestra do jornalista Paulo Markun sobre a comunicação pública no País. Infelizmente o congresso não aprofundou o dilema da imprensa diante da escuta ilegal generalizada e que ameaça o próprio regime democrático.

Sábios premiados - Os professores Paulo Henrique Blasi, Nelson Back, Leonor Scliar-Cabral e Berend Snoeljer receberam o título de “Professor Emérito” da UFSC. A entrega, que teve a participação do reitor Alvaro Prata, foi feita numa sessão solene do Conselho Universitário, no auditório Guarapuvu, no Centro de Cultura e Eventos.

Ombudsman

O espelho e a transparência

Permitam-me evidenciar o lugar de ocupação do texto que ofereço à apreciação. Não para ilustrar justificativas antecipadas, mas para uma ontologia das idéias aqui expressas. Ser ombudsman, no caso específico, implica mais do que observar o veículo no qual a crítica sobre si mesmo tem espaço assegurado. Há na tarefa uma responsabilidade que transcende a exposição de eventuais e pontuais problemas de edição ou conteúdo. Primeiro porque, de um lado, este jornal submete-se a olhares mais atentos e dizeres mais viscerais, pelo próprio ambiente em que circula. Segundo porque, de outro, o veículo fica no limite entre o espelho e a transparência; sempre existe o risco de trair-se pela própria imagem ou atravessá-la completamente. É uma vantagem, sob este aspecto, ter ligações com a instituição universidade, para além desta em particular.

Este ombudsman movimentava-se, então, entre o espelho e a transparência. E o que isso quer dizer? O *Jornal Universitário* lida com informações muito peculiares; expressa o cotidiano de uma instituição. Todos os temas postos em pauta pretendem-se dizeres de uma universidade entre as 183 cadastradas no Ministério da Educação. Supõe-se que seus argumentos representem a Universidade Federal de Santa Catarina. Igualmente, que ofereçam atualidade e relevância por resultarem de um processo de produção jornalística. Leve-se em conta que a universidade não é uma instituição qualquer; ela existe para a sociedade e seu compromisso não se restringe a divulgar projetos e resultados. Temos, por consequência, um grau maior de responsabilidade para os veículos de comunicação que a representam.

Quando ensino, pesquisa e extensão materializam-se em eventos como a Sepex para compartilhar com a sociedade os saberes institucionalizados, evidencia-se o pressuposto maior da universidade. Todavia, a divulgação de eventos dessa natureza não expressa por si mesma a importância de tais atividades. Eis o desafio da transparência. Compartilhar saberes pressupõe um comportamento que revela a diluição de fronteiras, o desencantamento - perdoem-me o palavão - dos conceitos cujo sentido pode apenas servir de ilustração ao que é externo à universidade para reforçar o slogan do compromisso social.

Um jornal, por mais expressivo que seja, talvez não consiga traduzir comportamentos institucionais. A não ser que seus



leitores se percebam atravessando os sentidos da mera ilustração. Não são ações pontuais que estruturam relações acadêmicas e sociais consistentes e duradouras. É necessário que se ponha à disposição toda uma obra e que se fundamente as intenções pela coerência. Noticiar as próprias ações e seus resultados ganha um sentido muito maior quando as premissas não estão fundamentadas apenas na mera divulgação de conteúdos. Ensino, pesquisa e extensão expressos em evento merecem destaque numa edição de jornal, sobretudo universitário. Mas o reconhecimento dessas atividades precisa ser semeado e cultivado no cotidiano institucional.

Ver-se refletida num veículo de comunicação pode ser gratificante para uma instituição de ensino. Todavia, enxergar-se por dentro, no cotidiano das relações e no compromisso com a sociedade, para além do reflexo, é que a transforma. Reside aí a grande importância do *Jornal Universitário*; o cultivo das informações institucionais justifica-se pelo ambiente acadêmico de onde partem e a que se destinam. Se a comunicação institucional pode trair por uma projeção tecnocrática e descontextualizada de uma imagem, o jornalismo, se entendido em sua dimensão, tem as condições de impor os efeitos de transparência ao mostrar, ainda que minimamente, várias faces de uma mesma imagem. Comunicação institucional e jornalismo, neste contexto, se complementam; como ensino, pesquisa e extensão, expressões institucionais da relação entre universidade, ciência e sociedade.

Luciano Bitencourt

Jornalista e coordenador do Curso de Comunicação Social da Unisul

Unimed conquista prêmio nacional com case sobre a UFSC

Anualmente a Unimed Brasil realiza a Convenção Nacional do sistema. O encontro reúne cooperativas de todo Brasil com objetivo de discutir e debater sobre diferentes temas ligados ao sistema e à saúde. No encontro também são entregues prêmios como o Experiências de Sucesso do Sistema Unimed no Brasil, que a Unimed Grande Florianópolis conquistou este ano com o case sobre a UFSC.

Ao todo, a categoria teve a participação de 46 trabalhos e o case da UFSC foi reconhecido em função do grande empenho da Cooperativa em negociar a renovação do contrato junto à Universidade, que tem previsão de atender mais de 10 mil pessoas até março de 2009, transformando-se no segundo maior plano da Unimed no Estado, depois do SC Saúde.

Diretores da Cooperativa da Capital estiveram em Gramado (RS) para receber o prêmio e apresentar o vídeo sobre o projeto, gravado tanto na Unimed como na UFSC e que relata o case inscrito. O prêmio foi entregue durante a 38ª Convenção Nacional da Unimed, que aconteceu entre os dias 21 e 24 de outubro.



No espírito natalino. Menino e futura mãe comemoram aquisição de brinquedos no bazar de produtos da Receita Federal em prol da Associação dos Amigos do Hospital Universitário (AAHU). A iniciativa reuniu grande público no Centro de Cultura e Eventos da UFSC.

Prêmio Amigo da UFSC ratifica o reconhecimento ao compromisso com a instituição

As conquistas alcançadas, atividades exercidas e as parcerias que viabilizaram a implementação de inúmeras ações em benefício da Universidade Federal de Santa Catarina, agora vão ser reconhecidas com o Prêmio "Amigo da UFSC", dentro do projeto "Comemorando a UFSC – A Comemoração do aniversário de fundação da Universidade, a valorização e o reconhecimento de quem fez e faz parte de sua história", desenvolvido pelo Departamento de Cultura e Eventos/SecArte e pela Pró-Reitoria de Desenvolvimento Humano e Social – PRDHS.

Foram indicados três servidores técnico-administrativos e três professores que se caracterizaram não somente por grandes pesquisas ou projetos, mas também pela superação de seus limites, que vão além das atribuições dos seus cargos, efetivamente comprometidos com a UFSC, e três organizações ou pessoas físicas que tenham viabilizado ações para a melhoria da qualidade dos serviços prestados pela UFSC.

Hoje, segundo a Comissão Organizadora do Prêmio "Amigo da UFSC",

as grandes universidades no mundo e no Brasil se utilizam de seu prestígio para conferir prêmios e as chamadas dignidades universitárias. A USP, por exemplo, concede anualmente o Prêmio Universidade de São Paulo de Direitos Humanos, e a Universidade Federal de Minas Gerais outorga, de três em três anos, o Prêmio Fundação de Desenvolvimento da Pesquisa.

Marcando os 48 anos de criação da UFSC, as medalhas e diplomas serão entregues no dia 18/12, às 19h30, no auditório do Centro de Cultura e Eventos. Na solenidade serão também homenageados pessoalmente todos aqueles que se aposentaram em 2008. Os demais serão lembrados com a entrega de uma placa à Associação dos Aposentados e Pensionistas da UFSC (Apopen). Após haverá um concerto de Natal.

Mais informações com Cléia Silveira Ramos pelos fones (48) 37 21-9569 e 3721-9781 eventos@reitoria.ufsc.br, www.eventos.ufsc.br/amigodaufsc.

JU dos leitores

"Tenho acompanhado pela TV e pelos jornais, junto às notícias sérias, um monte de asneiras de colonistas famosos (?). Acho hilário quando eles esbravejam que "a Beira-Mar Norte está intransitável", "Jurerê Internacional está um caos", "a SC-401 parece a lua, com tantas crateras", "O norte da Ilha precisa de uma revitalização" etc etc. Olham apenas para o próprio umbigo. Criticam o céu sem conhecer o inferno. Jornalismo é isso aí!" - Jorge Luiz Wagner Behr/Agecom

Poesia

Musa Psíquica...

Entre a posse e o Amor, sonha o desejo...
vaga estranheza de noturna aurora,
se a ventura consiste no lampejo
desse espelho solar, onde a alma chora

Preocupada com a preservação da memória literária catarinense, a Editora da UFSC publicou *Cidade do céu – Entre sonetos e retalhos*, do catarinense Emami Rosas. A obra foi organizada pela professora Zilma Gesser Nunes. Decifrar manuscritos do autor foi um desafio nada fácil. Emami Rosas não publicou nenhum livro em vida. Os manuscritos encontravam-se depositados na Academia Catarinense de Letras. Zilma, na opinião da professora Zahidê Lupinacci Muzart, realizou uma obra de monge que exigiu horas e horas de dedicação e argúcia. A organizadora é professora de Língua e Literatura Clássicas Latinas.

Era uma vez uma pequena fazenda...



O prédio da reitoria, em 1960, quando ainda estava sendo construído e hoje (foto abaixo)

Moacir Loth
Jornalista na Agecom

No meio do caminho havia uma fazenda. Havia uma fazenda no meio do caminho que se transformou numa universidade.

Era uma vez uma fazenda chamada Modelo Assis Brasil que virou um modelo de universidade pública de excelência.

Era uma vez um presidente chamado Juscelino Kubitschek de Oliveira (JK) que, quando assinou, em 18 de dezembro de 1960, a lei criando a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), não poderia imaginar que estava semeando uma das universidades mais férteis e produtivas do Brasil.

Era uma vez um reitor chamado João David Ferreira Lima que, ao criar e fundar a UFSC, não poderia nem sonhar que havia plantado, numa ilha, uma das cinco melhores instituições federais de ensino superior do País.

As cabras, as vaquinhas, as galinhas, os pombos, os cavalos, porcos, os jacarés e as traíras deram lugar para intelectuais, professores, escritores, pesquisadores, servido-

res técnico-administrativos, cachorros e alunos a perder a conta. O mato, o manguezal, os ranchos e as estrebarias cederam espaço para prédios, laboratórios, salas de aula, biblioteca, colégios, restaurantes, gráfica, hospital, reitoria. Germinaram igualmente o museu, o centro ecumênico, o juizado de pequenas causas, os sindicatos, escritórios, livrarias, fundações, Praça da Cidadania, prefeitura, segurança, a editora, a Agência de Comunicação, o Centro de Cultura e Eventos, planetário, parque Viva a Ciência, além dos 11 centros de Ensino, de Pesquisa e de Extensão, apelidados, burocraticamente, de Unidades.

Com a instalação oficial da universidade (22 de março de 1962), as ervas daninhas, acompanhadas, às vezes, por jararacas, foram substituídas por flores e nativas florestais. O campo virou campus. No lugar de borrachudos e maruins assumiram os pássaros e as borboletas. A fazenda tinha se transformado num dos jardins mais belos do Brasil. E no campus, projetado pelo gênio de Burtel Marx, florescia

uma nova cidade, e nela se desenvolvia uma universidade vital para o desenvolvimento de Santa Catarina.

Primeiro foram 800 alunos. Hoje a UFSC possui cerca de 30 mil. E, em 48 anos de vida, formou mais de 50 mil profissionais. A antiga fazenda abandonada é agora habitada por aproximadamente 45 mil pessoas. A qualificação acadêmica e vocação para o ensino de qualidade, a extensão voltada para a cidadania, a cultura dirigida ao resgate e preservação da história, e a pesquisa comprometida com o desenvolvimento sustentável e a transformação social, garantem à UFSC uma posição de liderança no cenário nacional e até internacional. Ilha de excelência, a UFSC destaca-se em todas as avaliações sérias feitas no País, sejam oficiais ou ligadas a organismos da sociedade civil. E não é para menos: hoje a Universidade oferece 51 mestrados, 36 doutorados e mais 70 cursos de graduação, todos bens avaliados.

Antenada ao seu tempo e ao futuro, fugindo da mediocridade, a UFSC foi aluna

exemplar e fez os deveres de casa. Rompeu o isolamento, derrubou porteiças e muros e se lançou à luta, atravessou as pontes, navegou mares e ares, incorporando à própria vida a razão da sua existência: a sociedade.

Modéstia às favas, a Universidade Federal de Santa Catarina é no século XXI uma instituição admirada e reconhecida no Estado, no Brasil e no mundo. Moderna, democratizada, internacionalizada e interiorizada, alongou as pernas com mais três campi (Joinville, Araranguá e Curitiba-nos), encurtou as distâncias (polos, Libras etc), incorporou as novas tecnologias, derrubou as barreiras do tempo e se mandou ao encontro de quem a sustenta: a população.

Era uma vez uma máxima do poeta de *A rosa do povo*, Carlos Drummond de Andrade: "Dá-me uma universidade e eu te darei uma visão compartimental do universo". A UFSC mudou o próprio conceito de universidade. Afirmou-se, deixando na poeira mitos e preconceitos. Chega de torre de marfim! Afinal, era uma fazenda, mas ali não havia elefante, elefante não havia não...



... que virou uma

grande universidade